

SANGUE, SUOR E LÁGRIMAS DAS MULHERES RASPADEIRAS DE MANDIOCA EM PERNAMBUCO

Vicentina Maria Ramires Borba^(*)
Roseana Medeiros^(**)

Resumo

O trabalho das raspadeiras nas casas de farinha tradicionais em Pernambuco é feito em condições perversas, sem atenção de políticas públicas. Para identificar os problemas decorrentes de suas atividades, foram entrevistadas 130 mulheres da região da Bacia do Goitá. Os resultados revelaram as péssimas condições de trabalho e remuneração humilhante, o que exige ações específicas do poder público.

Palavras-chave: Produção de Mandioca. Mulheres Trabalhadoras. Políticas Sociais.

Abstract

The conditions of women scrapers' work are perverse. To identify the problems of their activities, 130 scrapers of cassava were interviewed in rural area of Pernambuco. The results showed the difficulties faced by these women due to bad working conditions and humiliating remuneration, which requires government specific actions, which may contribute to the development of the sector in the region.

Keywords: Production of Cassava. Working Women. Social Policies.

1. Introdução

O paradigma fundante da sociedade de hoje é machista e autoritário, porque é radicado nas relações de poder-dominância androcêntrica. Diferentemente deste, o resgate do feminino vem surgindo dentro de um novo paradigma, com uma lógica diferente, e promovendo a libertação do oprimido e do opressor.

O androcentrismo coloca o homem como modelo do ser humano. A percepção, a experiência, a construção mental, a linguagem, a realidade, tudo passa a se expressar em termos masculinos. O feminino é marginalizado e as mulheres tornam-se subjugadas e invisíveis.

Como categoria de análise, o patriarcado não pode ser entendido apenas como dominação binária macho-fêmea, mas como uma complexa estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por

(*) Universidade Federal Rural de Pernambuco. Professora do Departamento de Letras da UFRPE. Doutora em Linguística. E-mail: vicentinaramires@terra.com.br.

(**) Professora do Departamento de sociologia. Doutora em Serviço Social.

gênero, raça, classe, religião e outras formas de dominação de uma parte sobre a outra (BOFF, 2002, p. 55).

Mas nem sempre foi assim. Nas sociedades primitivas, a mulher possuía o poder da reprodução e da vida, e isso tinha grande importância para os povos primitivos. A fertilidade estava relacionada à perpetuação da espécie, à renovação, ao crescimento das plantas e à criação dos animais. Além disso, a mulher encontrava-se ligada à alimentação, reprodução e nutrição como à terra. Por questões de sobrevivência, esses povos primitivos realizavam rituais de fertilidade, tentando agradar e reverenciar a natureza.

Como os povos pré-históricos identificaram também a mulher com a terra, aquela que produzia frutos, e perpetuava a vida, pressupunham conseqüentemente que todo universo só poderia ter sido criado por um ser feminino. Pois só este seria capaz de gerar, de dar a vida a outros seres. A mulher era a fonte de toda a vida.

Data deste período a vinculação da mulher com a colheita. O útero estava associado à terra, que recebia a semente, e após um período germinava, florescia, formava novo ser, nova planta. A mulher, como a terra, guardava os segredos da vida, da renovação e da morte.

A terra, a natureza e a mulher eram consideradas sagradas. Existia, portanto uma grande quantidade de cultos à Grande Deusa Mãe, geradora de tudo e de todos. A deusa possuía um estreito vínculo com os ciclos da natureza e seus ritmos. Tanto a mulher quanto a terra possuíam as características de fertilidade e fecundidade. Isso era imprescindível nesse período pré-histórico.

Engels (1984) apontava que nos primórdios a mulher não possuía uma posição subalterna. A organização social de base matriarcal se caracterizava pelo respeito à mulher e a sua superioridade econômica e social. Baseado em várias anotações deixadas por Marx, Engels escreveu em 1884, “A origem da família da propriedade privada e do Estado”. Neste trabalho ele oferece uma consistente explicação acerca das concretas origens da situação de opressão das mulheres nas sociedades modernas.

Trazendo essa problemática para os tempos modernos e para as sociedades que não são denominadas, do ponto de vista histórico e antropológico, de “primitivas”, há inúmeros exemplos de situação de opressão e exploração do trabalho humano a que Marx e Engels se referiam. É o caso, no nosso país, das mulheres que trabalham nas diversas atividades agrícolas nas zonas rurais do nordeste, que ainda são submetidas a relações desiguais de poder e força, ainda que sejam as mantenedoras da família e das economias locais.

Um desses exemplos mais emblemáticos verifica-se no processo de descascamento da mandioca, também conhecido por pelagem ou raspagem, das mulheres chamadas “raspadeiras”, que são submetidas às mais diferentes formas de violação de seus direitos humanos. Nas casas de farinha, cuja estrutura precária não oferece condições dignas de trabalho, além de serem exploradas com o excesso de carga horária, recebem uma remuneração humilhante e ficam expostas à insalubridade do ambiente durante o tempo de trabalho, que chega a até doze horas diárias, em média, praticamente sem intervalo.

Sem exagero, pode-se afirmar que o trabalho dessas mulheres na cultura da mandioca quase não evoluiu desde os tempos dos indígenas, no século XVI, passando pela escravidão no Brasil (ver comparação entre figuras 1 e 2)), mantendo-se até hoje as formas mais rústicas de processamento do produto nas casas de farinha manuais ou tradicionais (FOLEGATTI, 2005).



Figura 1 - Atividade nas casas de farinha na época dos escravos no Brasil



Figura 2 - Atividade nas casas de farinha nos dias atuais

Esse tema inspira este estudo sobre as condições de vida e de trabalho das mulheres na cadeia produtiva da mandioca, cujas reflexões dele advindas têm o papel de contribuir para fornecer subsídios importantes ao desenvolvimento e implementação de políticas públicas sociais voltadas para a valorização da mulher no mundo e no trabalho e sua conseqüente inserção social nas diferentes formas de manifestação de exigências da sociedade contemporânea.

1. TRABALHO FEMININO E MANDIOCULTURA

1.1. O trabalho feminino

Ao sustentar a posição da situação de superioridade das mulheres em relação à dos homens nos tempos primitivos, em pleno séc. XIX, Engels (1984) já demonstrava um caráter revolucionário no tocante à questão feminina. Discordava da visão mosaica contida na Torah que apresentava a tese de que desde o início existia o patriarcalismo, e que este se assemelhava ao da sociedade burguesa. Contrário a isso Engels apontava que nos primórdios a mulher não possuía uma posição subalterna. A organização social de base matriarcal se caracterizava pelo respeito à mulher e a sua superioridade econômica e social. E a primeira forma de conflito na sociedade primitiva foi entre os sexos, entre o homem e a mulher. Posteriormente surgiu a monogamia, a escravidão e a propriedade privada e a consequente instauração e exacerbação do patriarcalismo. Historicamente isso se perpetuou até a atualidade.

Por isso mesmo, no início do século XX, o marido era considerado o provedor do lar e não era necessário que a mulher trabalhasse fora de casa. As mulheres que ficavam viúvas, e que não pertencessem a uma classe social privilegiada, para se sustentarem e aos filhos, faziam doces por encomendas e trabalhos manuais, ou realizavam atividades que se assemelhavam àquelas feitas no próprio lar. Entretanto, além de pouco valorizadas, essas atividades não era bem vistas pela sociedade, e a discriminação só começou a diminuir a partir da década de 70, quando as mulheres foram conquistando um espaço maior no mercado de trabalho.

Mesmo assim, esse espaço ainda fica circunscrito a atividades menos valorizadas no contexto social da economia, como está posto no Relatório Final do Projeto Governabilidad Democrática de Género en América Latina y el Caribe (MELO, 2005):

No mercado de trabalho, apesar da diminuição da desigualdade de gênero acontecida na década de 1990, não foram superados os obstáculos de acesso a cargos de chefia, bem como permanecem ainda diferenciais de rendimentos entre os dois sexos. Há uma nítida relação entre a divisão do trabalho e a pobreza das mulheres; a inserção feminina aconteceu em paralelo com o crescimento das atividades informais, das atividades sem remuneração e aumento das taxas de desemprego. Assim, as mulheres continuam ainda concentradas em segmentos menos organizados da atividade econômica, são mais submetidas a contratos informais e tem menor presença sindical e desta maneira encontram-se mais expostas ao desemprego.

Em contextos rurais o trabalho feminino alcançou uma maior visibilidade a partir da década de 1980, em razão, principalmente dos discursos das mulheres trabalhadoras rurais organizadas em grupos e movimentos, que visam, sobretudo, destacar o fato incontestável de que, na labuta diária nas áreas rurais, elas realizam, de forma intrincada, dupla ou tripla

jornada de trabalho, tendo que conciliar os serviços domésticos, tais como a preparação de alimentos, a lavagem de roupa e a limpeza da casa e do terreiro e os cuidados com a família, com o trabalho agrícola. Diferentemente dos homens, que se dedicam inteiramente ao trabalho agrícola, as mulheres se desdobram entre os roçados, e, mesmo assim, o trabalho das dessas mulheres no meio rural ainda é visto apenas como “ajuda”, um reforço no orçamento doméstico (SILVA et al, 2005), ou seja, não é reconhecido e respeitado.

No trabalho de raspagem de mandioca, objeto deste estudo, as mulheres se submetem a agruras e desrespeito que as colocam numa posição de baixíssimo reconhecimento de valor laboral, ainda que alimentem, com o suor de seu corpo, as lágrimas de seu cansaço e o sangue de suas feridas, toda uma família e gerem renda para toda uma região.

1.1. Origens e breve diagnóstico atual da mandiocultura no país

Conta uma lenda que a mandioca surgiu quando a filha de um poderoso índio Tuxaua foi expulsa de sua tribo e foi viver em uma velha cabana distante, por ter engravidado misteriosamente. Parentes longínquos iam levar-lhe comida para seu sustento, e assim a índia viveu até dar à luz uma linda menina, muito branca, a qual chamou de **Mani**. A notícia do nascimento se espalhou por todas as aldeias e fez o grande chefe tuxaua esquecer os rancores e cruzar os rios para ver sua filha. O avô se rendeu aos encantos da linda menina, que se tornou muito amada por todos. No entanto, ao completar três anos, Mani morreu de forma misteriosa, sem nunca ter adoecido. A mãe ficou desolada, enterrou a filha perto da cabana onde vivia e, sobre ela, chorou por horas. Nesse local, acabou nascendo uma planta que mostrava raízes grossas e brancas, em forma de chifre. Todos queriam provar, em honra daquela criança que tanto amavam. Desde então a mandioca passou a ser um excelente alimento para os índios. O nome mandioca se originou da seguinte forma: *Mandi* (vindo do Mani que era o nome da criança) e *oca* (a casa do índio)¹.

Numa versão mais científica, a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) é um arbusto originário dos Andes peruanos, cultivado e consumido nas Américas antes mesmo da descoberta. No momento da chegada do Português para o Brasil, o consumo desta raiz foi basicamente a alimentação dos indígenas, chegando à África e outros continentes pelos colonizadores devido às suas propriedades alimentícias, a sua rusticidade e sua adequação para uma grande variedade de solos. Atualmente, o Brasil e a Nigéria são os maiores produtores e consumidores no mundo.

¹ Disponível em: <http://www.primiciasdobrasil.com.br>. Acesso em: novembro de 2010.

Os solos indicados para o plantio são aqueles de topografia plana, com boa profundidade, não muito úmidos, com um pH variando entre 5,0 e 6,0, de forma a não provocar a podridão nas raízes (Embrapa, 2005).

O plantio é normalmente feito no início da estação chuvosa, variando em diferentes regiões do país e é possível garantir a oferta do produto ao longo do ano, embora em quantidades não homogêneas.

Nos anos 70 a atividade de produção da mandioca alcançou seu apogeu no Brasil. Por ser uma cultura de fácil adaptação, a mandioca é atualmente plantada em praticamente em todas as unidades da federação, e, apesar de representar uma importante fonte de alimentação humana e animal de alto valor energético, com seu uso estendido como matéria-prima para diversos produtos industrializados, e sua cultura representar a geração de emprego e renda, sobretudo para as populações de baixa renda no nordeste, nos últimos trinta anos a produção vem declinando consideravelmente.

A baixa rentabilidade financeira dessa cultura e a escassez de mão-de-obra, os baixos preços pagos pela raiz e seus derivados, a baixa fertilidade do solo, o pouco uso de tecnologias de cultivo, a desorganização do produtor e os equipamentos industriais tecnologicamente defasados têm sido apontados por vários estudos com principais problemas dessa queda da produção.

No Nordeste a mandioca se destaca por ser produto de grande consumo, representando para muitas famílias da zona rural, além de alimento, uma importante fonte de renda e de sustentabilidade (SAMPAIO, 2005).

Vários programas do Governo Federal, em parceria com instituições financeiras mundiais, são voltados para o desenvolvimento dessa cultura no nordeste, com ações de financiamento, apoio técnico, instalação de unidades de produção, além de capacitação dos agentes envolvidos nessa cadeia produtiva. Além dessas, outras ações desenvolvidas por organizações não governamentais têm contribuído para a organização do setor, como, por exemplo, a realização de estudos sobre potencialidades de diferentes regiões, diagnósticos da cultura da mandioca, programas de capacitação, apoio técnico aos agricultores, entre outras.

Nesse contexto de identificação de potencialidades situa-se a região da Bacia do Goitá, produtora de mandioca no estado de Pernambuco. A área, que abrange os municípios de Vitória de Santo Antão, Glória do Goitá, Lagoa do Itaenga, Pombos, Feira Nova e Chã de

Alegria, começou a ser povoada em 1626 – pouco mais de um século depois do início da colonização portuguesa.

Na Bacia do Goitá a situação das casas de farinha requer uma profunda avaliação e intervenção das entidades competentes de forma a promover condições minimamente adequadas de trabalho na agricultura, sobretudo das mulheres, que concentram a maioria quase absoluta da mão-de-obra em todas as fases dessa atividade, desde o plantio, até a colheita e o processamento. É principalmente nesta última em que as condições de trabalho se apresentam mais problemáticas para as mulheres, considerando tanto as formas de trabalho, quanto a negação de seus direitos trabalhistas.

As implicações dessa problemática no desenvolvimento da região são significativas, uma vez que a atividade representa, na maioria dos municípios da Bacia do Goitá, a segunda ou terceira maior fonte de renda.

2. Metodologia

O local do estudo, território da Bacia do Goitá, é composto pelos municípios de Glória do Goitá, Pombos, Feira Nova, Lagoa de Itaenga e Chã de Alegria². Os indicadores socioeconômicos dessa região revelam a pobreza da população, comum a várias regiões do nordeste do Brasil, conforme se apresenta na Tabela 1.

Tabela 1 – Indicadores socioeconômicos da Bacia de Goitá

Município	População total	IDH-M	Índice de Gini	Renda per Capita /mês	Intensidade da pobreza	Taxa de alfabetização
Chã de Alegria	11.102	0,629	0,56	R\$ 69,65	55,82%	63,48%
Feira Nova	18.857	0,606	0,55	R\$ 97,99	48,44%	60,93%
Glória do Goitá	27.554	0,636	0,53	R\$ 84,48	50,89%	60,78%
Lagoa do Itaenga	20.172	0,638	0,52	R\$ 82,58	50,24%	65,66%
Pombos (PE)	23.351	0,641	0,57	R\$ 107,01	49,51%	62,61%
TOTAL	218.645					

Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2000/Mapa do Fim da Fome 2001, Fundação Getúlio Vargas - Relatório de Desenvolvimento Humano, 2006, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

Nesse contexto situa-se uma atividade rural que responde por grande parte da geração de renda desses municípios: a produção de mandioca. Dado que a participação das mulheres nessa atividade é significativa, têm sido objeto de reflexões por parte, principalmente, de

² No município de Chã de Alegria, a atividade não é mais desenvolvida, mas os depoimentos de onze mulheres que trabalharam em casas de farinha compõem o quadro geral sem alterar a análise da situação atual em que se encontram as raspadeiras de mandioca na região.

organizações não governamentais, as condições de existência dessas mulheres dentro e fora do trabalho.

Assim, para identificar os problemas e também as potencialidades dessa atividade na região, foram entrevistadas 130 mulheres raspadeiras de mandioca, distribuídas em casas de farinha dos cinco municípios que compõem a amostra deste estudo, no período compreendido entre janeiro e fevereiro de 2008, conforme se apresenta na Tabela 2.

Tabela 2 - Composição da amostra, segundo o município

Município	Entrevistadas	%
Feira Nova	30	23,1
Lagoa de Itaenga	29	22,3
Chã de Alegria	11	8,5
Pombos	30	23,1
Glória do Goitá	30	23,1
Total	130	100,0

O modelo adotado neste estudo foi a pesquisa-ação, que se configura em um "tipo de pesquisa (...) concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo e participativo" (THIOLLENT, 1988, p. 14). Foram realizadas visitas aos locais de trabalho das raspadeiras de mandioca, e feito um levantamento de campo com aplicação de questionário e workshops.

Nessas visitas foi identificada a qualidade das instalações das casas de farinha, de modo a se avaliar as condições de trabalho das mulheres.

Foram realizados dois workshops na região onde foi feito estudo: um, anteriormente à coleta das informações por meio de entrevistas, e outro, após a análise dos resultados. O objetivo desses dois momentos, que reuniram praticamente todas as entrevistadas, além de importantes agentes institucionais e parceiros da região, foi apreender, no primeiro, questões mais gerais relativas à vida e ao trabalho dessas mulheres; no segundo, para que fossem apresentados os resultados do estudo de forma a sensibilizar aqueles que estão envolvidos, direta ou indiretamente, com a temática, no sentido de buscar formas de apoio para o desenvolvimento dessa atividade produtiva na região.

As questões formuladas nos questionários aplicados às raspadeiras focalizaram aspectos como habitação, saúde, renda, condições de trabalho e expectativas de futuro.

As informações obtidas por meio dessas entrevistas foram processadas de forma a compor um detalhado banco de dados, cujo objetivo é tornar disponíveis todas aquelas que

não foram tratadas neste estudo e que, de certa forma, podem fornecer demais subsídios para tomadas de decisão daqueles que devem se ocupar dessa problemática.

3. Resultados e discussão

Como os povos pré-históricos identificaram também a mulher com a terra, aquela que produzia frutos, e perpetuava a vida, pressupunham conseqüentemente que todo universo só poderia ter sido criado por um ser feminino, pois só este seria capaz de gerar, de dar a vida a outros seres. A mulher era a fonte de toda a vida.

Data deste período a vinculação da mulher com a colheita. O útero estava associado a terra, que recebia a semente, e após um período germinava, florescia, formava novo ser, nova planta. A mulher, como a terra, guardava os segredos da vida, da renovação e da morte. A terra, a natureza e a mulher eram consideradas sagradas.

Essa crença foi diminuindo ao longo dos tempos e hoje o lugar que a mulher ocupa no processo produtivo agrícola tem sido considerado, não só pelos homens, mas pelas próprias mulheres, como secundário e até invisível, mesmo quando esse representa a fonte de praticamente toda a vida numa região, com é o caso deste estudo, em que o trabalho das raspadeiras de mandioca representa percentuais significativos na renda, garantindo a sobrevivência familiar.

O que pode explicar um pouco essa visão é o fato de que só mais recentemente, no Brasil, as reflexões sobre mulheres e gênero em contextos rurais alcançaram uma maior visibilidade (CORDEIRO, 2007). Ademais, a organização de mulheres trabalhadoras rurais em grupos, movimentos ou associações ainda é frágil em comparação à dos homens trabalhadores, a despeito das importantes inserções nessa temática feitas pelas pesquisas etnográficas no meio rural.

No caso específico da Bacia do Goitá, onde foi realizado este estudo, o quadro geral das condições de vida e trabalho das mulheres raspadeiras de mandioca pode ser considerado grave, como está apresentado nos itens seguintes em que serão tratadas as questões relativas à saúde, à educação, à moradia, ao trabalho e à renda, bem como as expectativas de futuro dessas mulheres, por elas mesmas relatadas.

3.1. As mulheres raspadeiras de mandioca na Bacia do Goitá

Um dado marcante na região estudada é que esta vem sofrendo, de forma significativa, os efeitos sociais da migração campo-cidade. Muitos adultos, sobretudo do sexo masculino, migram em busca de melhores condições de vida, daí grande parte da população se constituir de indivíduos com idade de 0 a 20 anos e maiores de 60 anos. Em razão da migração uma grande quantidade de mulheres passa a arcar com a responsabilidade de chefiar a família, e, a partir de sete anos de idade, começam a trabalhar na atividade rural, para ajudar a família. A precocidade na entrada no mundo do trabalho provém da pobreza, da falta de alternativas de sobrevivência num município em que predominam baixos salários.

As mulheres que trabalham nas casas de farinha começam a exercer a atividade de raspar mandioca ainda muito jovens, algumas com menos de 18 anos, e um significativo percentual de raspadeiras (quase a metade) situa-se na faixa etária entre 36 e 45 anos (ver Tabela 3). São mulheres que passam as vidas dedicadas a um trabalho insalubre, sem condições sanitárias adequadas e sem acesso a lazer, dada a carga horária que lhes é exigida, conforme será tratado adiante.

Esta realidade se perpetua em função da falta de oportunidades de trabalho e geração de renda, visto que 90% delas são chefes de família. A subordinação das mulheres se dá pela falta de conhecimento de seus direitos e oportunidades, pela baixa autoestima, por dificuldades econômicas, entre outros motivos. Uma das formas de se transformar essa situação é garantir que as mulheres se apoderem de outras formações profissionais, como também estejam preparadas para atuar em outros segmentos de mercado que requerem outras habilidades (Projeto Recriar, 2006).

Tabela 3 - Distribuição por faixa etária da entrevistada

Faixa etária	%
menos de 18 anos	8,4
entre 18 e 25 anos	16,8
entre 26 e 35 anos	25,2
entre 36 e 45 anos	33,6
entre 46 e 55 anos	13,4
mais de 55 anos	2,5
Total	100,0

Fora do trabalho, dividem a casa com famílias numerosas, em média composta de 4 a 6 membros em espaços que muitas vezes não passam de 20m², distribuídos em dois ou três cômodos, muitas vezes sem banheiro, do que decorrem, juntamente com as condições precárias de trabalho, os problemas de saúde que serão tratados no item seguinte.

3.2. Saúde

Considerando que as mulheres são as maiores usuárias dos sistemas públicos de saúde, as políticas de atenção à saúde da Mulher no Estado de Pernambuco deixam a desejar e são concebidas pontualmente. O atendimento à saúde das mulheres, especificamente das raspadeiras de mandioca, não dá conta de responder à maioria dos problemas por elas apresentados.

Ainda que o acesso dessas mulheres seja considerado bastante amplo, atingindo quase a totalidade das entrevistadas (97,7% das entrevistadas), isso não garante a eficiência do atendimento, uma vez que os problemas por elas relatados persistem e não há consistentes programas de prevenção de doenças nem de planejamento familiar. São pouco expressivos os números que apresentam a procura dessas mulheres por serviços de saúde para evitar doenças (15,1%), indicando exatamente a deficiência ou inexistência de campanhas esclarecedoras da importância de prevenção (Tabela 4). De um modo geral, a procura pelos serviços de saúde se concentra nos casos em que o problema já se instalou, e muitas vezes as seqüelas são irreversíveis.

Tabela 4 - Quando procura os serviços de saúde? (%)

-1-Não sabe / não respondeu	0,8
1-Para evitar doenças (prevenção)	15,1
2-Quando tem algum sinal de doença	25,2
3-Em caso de doenças mais comuns	13,4
4-Em caso de doença grave	15,1
12-Para evitar doenças e quando tem algum sinal de doença	12,6
13-Para evitar doenças e em caso de doenças mais comuns	0,8
14-Para evitar doenças (prevenção) e em caso de doença grave	0,8
23-Quando tem algum sinal de doença e no caso de doenças comuns	8,4
24-Quando tem algum sinal de doença e em caso de doença grave	0,8
34-Em caso de doenças mais comuns e em caso de doenças graves	2,5
234-Quando tem algum sinal de doença. Em caso de doenças mais comuns e doenças graves	4,2
Total	100,0

Outro dado importante relativo à saúde das raspadeiras de mandioca, apontado com um dos problemas de saúde decorrente da atividade que exercem são as dores nas costas, atingindo 78,5% das mulheres. Numa das oficinas realizadas para fins de apresentação dos resultados deste estudo, conforme já foi esclarecido na metodologia, as trabalhadoras presentes que foram entrevistadas reiteraram a queixa de dores nas costas, e a isso atribuem à posição extremamente desconfortável em que permanecem o dia inteiro para executar a atividade, conforme pode ser constatado na figura 3 seguinte.



Figura 3: Mulher raspando mandioca nas casas de farinha.

Dores nas pernas e dores de cabeça vêm na seqüência de importância dos problemas de saúde decorrentes da atividade exercida, relatadas pelas entrevistadas. Ressalte-se que a jornada de trabalho dessas mulheres não termina nas casas de farinha, dado que elas ainda têm que desempenhar todas as outras atividades domésticas ao chegarem em casa. Não é de se estranhar, portanto, que essas mulheres padeçam de doenças crônicas devido à extensa jornada e ao esforço que fazem, quando se avalia o resultado da diária que recebem pela produção.

Lucena (2002) esclarece que, quando analisadas historicamente as políticas públicas voltadas para a mulher rural, constatam-se, sobretudo na Zona da Mata de PE, as contradições existentes entre o discurso de hiperproteção presente no Sistema Único de Saúde e as práticas efetivas de hipoproteção observadas nos serviços de saúde municipal na atualidade. Há uma negação da saúde enquanto direito de todos e dever do Estado.

3.3. Trabalho e Renda

Nas casas de farinha tradicionais ou manuais, o trabalho é intenso e exaustivo, considerando-se que a raspagem de mandioca é paga pela produção diária. Uma vez que o preço da tonelada raspada varia na média de R\$15,00 (quinze reais), há que se trabalhar muito para conseguir esse valor. Em média elas trabalham entre 10 e 12 horas por dia e raspam entre 500 e 600 quilos de mandioca (22,3% do total das entrevistadas), algumas atingindo a média de uma tonelada raspada por dia (12,3%).

Os locais de trabalho são geralmente muito quentes, insalubres, sem material adequado e em condições higiênicas comprometedoras, dado que animais como cachorros, galinhas, gatos, etc, circulam entre os trabalhadores e os utensílios por eles utilizados.

As relações de trabalho nas casas de farinha são desumanas e alicerçadas na cultura patriarcal de exploração, incentivadas pelas construções sociais realizadas ao longo dos séculos, o que vem a fortalecer o machismo e dando ao homem o poder sobre as mulheres. O tratamento dado às mulheres é discriminatório e perpassa pelas relações desiguais de gênero. Mesmo assim, questionadas sobre como avaliam as suas condições de trabalho e identificadas por mais da metade delas como sendo ruins ou péssimas, 79,2 % das raspadeiras afirmam que suas relações de trabalho com o dono da casa de farinha são boas, enquanto apenas 10,8% consideram ruins. As demais não souberam avaliar essa questão.

Afirmações como essas, que causam estranheza a alguns, são perfeitamente explicáveis no contexto em que se dão essas relações de trabalho. Muitas vezes é o dono da casa de farinha que presta algum tipo de socorro (financeiro, familiar, de saúde) quando elas não têm ninguém mais a recorrer, e, segundo o depoimento delas na oficina de apresentação dos resultados, “é melhor isso, do que sem isso”. Nesse caso a produção da mandioca ocupa um valor econômico central na manutenção das famílias, e atividade das mulheres raspadeiras continua exercendo um peso importantíssimo na garantia da alimentação familiar, daí o medo de se abrir mão da única ou maior fonte de renda da família. Ressalte-se que de nenhum direito trabalhista dispõem essas mulheres.

Para compensar as grandes dificuldades que as trabalhadoras das casas de farinha enfrentam com seus escassos recursos, a Bolsa Família chega a representar uma parcela considerável (em torno de 25%) de suas rendas familiares para 75,6% das mulheres entrevistadas, as quais recebem esse benefício. Na média, elas recebem pelo trabalho R\$89,47, e a renda mensal da família gira em torno de R\$288,46. Entretanto, quando se faz a média per capita nessas famílias, com e sem o benefício da Bolsa Família, o valor não ultrapassa o mínimo indicado para se considerar fora da situação de pobreza, que é de R\$120,00, segundo a Fundação Getúlio Vargas (ver Tabela 5). Nesse caso a maior parte delas encontra-se na faixa de extrema pobreza³, conforme pode ser visto na Tabela 6.

³ Para demilitar os brasileiros que vivem em condição de extrema pobreza, o governo utilizou dados preliminares do Censo Demográfico de 2010. A linha de pobreza foi estabelecida em R\$ 70 per capita, considerando o rendimento nominal mensal domiciliar. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em setembro de 2011.

Tabela 5- Valor da renda das raspadeiras renda familiar em R\$

Valor da em R\$	Mínimo	Máximo	Médio	Desvio Padrão
Renda da raspadeira	36,00	112,00	89,47	19,74
Renda Familiar	100,00	680,00	288,46	128,97

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 6- Renda per capita familiar em R\$ considerando Bolsa Família

	Recebe Bolsa-Família		Total
	Sim	Não	
Situação de extrema pobreza	69	11	80
Situação de pobreza	20	11	31
Fora da situação de pobreza	8	11	19
Total	97	33	130

Fonte: Dados da pesquisa

O Brasil já cumpriu um dos objetivos de desenvolvimento do milênio⁴ de reduzir pela metade o número de pessoas vivendo em extrema pobreza até 2015: de 25,6% da população em 1990 para 4,8% em 2008. Mesmo assim, 8,9 milhões de brasileiros ainda tinham renda domiciliar inferior a US\$ 1,25 por dia até 2008. Para se ter uma idéia do que isso representa em relação ao crescimento populacional do país, em 2008, o número de pessoas vivendo em extrema pobreza era quase um quinto do observado em 1990 e pouco mais do que um terço do valor de 1995. Os Estados nordestinos apresentam maior índice de pobreza do País. Todos, à exceção do Rio Grande do Norte, têm mais que 50% de sua população abaixo da linha de pobreza. Os estados nordestinos apresentaram maior índice de pobreza do país. Pernambuco tem 50,9% de sua população abaixo da linha de pobreza. Entre os municípios da Bacia do Goitá, Chã de Alegria (55%) apresenta uma situação de pobreza pior do que a média de Pernambuco. Os outros municípios seguem a média. O Índice de Desenvolvimento Humano desses municípios é considerado médio (entre 0,500 e 0,799) pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD, 2011).

Para as raspadeiras de mandioca da Bacia do Goitá, tem sido mais difícil sobreviver com dignidade nessas condições de vida, trabalho e renda, sobretudo quando se considera que as mesmas não têm recebido a devida atenção das políticas públicas exclusivamente voltadas para as mulheres agricultoras. Elas se ressentem de não participarem de capacitações e de não receberem incentivos para aumentar a renda com outras atividades, principalmente com os produtos derivados da mandioca, com cujo trabalho já têm familiaridade. Constata-se, dessa forma, que as mulheres em geral ou são excluídas ou têm participação minoritária e eventual nos cursos voltados para a capacitação e o aprofundamento de conhecimentos técnicos da produção agrícola. Questionadas sobre o que gostariam de aprender a fazer para aumentar a

⁴ Dados disponíveis em: <http://www.pnud.org.br>. Acesso em setembro de 2011

renda, a grande maioria declarou querer aprender a beneficiar a mandioca para a comercialização desses subprodutos.

Fica, então, claro que as mulheres raspadeiras têm noção das causas da problemática que enfrentam, embora não tenham sido capazes de explicitá-las. A falta da organização dessas mulheres em associações ou cooperativas contribui para agravar ainda mais o quadro, uma vez que as suas vozes não são ouvidas, muitas vezes, a não ser por elas mesmas.

Considerações Finais

A produção de mandioca no estado de Pernambuco, na sua forma tradicional, ou seja, em casas de farinha, seguindo a tendência do restante do país, vem sofrendo um declínio, dada a pouca atenção dos agentes institucionais para o setor. O processamento do produto feito nesses locais se concentra nas mãos das chamadas raspadeiras de mandioca, cujo trabalho é desvalorizado, tanto socialmente, quanto economicamente, ainda que a atividade compreenda a maior parte da geração de renda da região da Bacia do Goitá, onde foi efetuado este estudo.

No caso dessas mulheres, muito pode ser feito para melhorar as suas condições de trabalho e vida, sem que sejam empregados volumes altos de dinheiro ou sejam necessárias ações de vultoso porte.

As próprias trabalhadoras das casas de farinha apresentam sugestões para resolver parte dos seus problemas, e, por conseguinte, desenvolver de forma sustentável a cultura de mandioca na região.

Dentre as propostas feitas na ocasião da apresentação dos resultados deste estudo, selecionamos algumas que, além de demonstrarem a lucidez dessas mulheres trabalhadoras sobre as suas potencialidades, são consideradas como perfeitamente viáveis, dependendo apenas de ações adequadas e eficientes para o setor. São essas as propostas, conforme algumas das temáticas trabalhadas:

a) Saúde

- Implantação de programas de saúde específicos para as mulheres raspadeiras.
- Atendimento humanizado e respeitoso com as mulheres nos postos de saúde.
- Realização de palestras nas casas de farinha, com orientação sobre as condições necessárias de higiene, saúde, entre outros assuntos.

b) Trabalho e Renda

- Aumento do valor do caçua (cesta de vime) de mandioca raspada.

- Colocação de balança em todas as casas de farinha para pesagem da mandioca raspada, com fiscalização, para que não se adultere o peso.
- Contratação de responsáveis para apanhar as cascas da mandioca, diminuindo, dessa forma, a quantidade de tarefas que as mulheres têm a executar, além da raspagem.
- Contabilização das horas-extras na carga horária das raspadeiras, que não são consideradas.
- Investimento nos derivados da mandioca, inclusive da manipueira e goma.
- Criação de alternativas para mulheres raspadeiras, tais como formar cooperativas e feiras de derivados.
- Formalização das relações de trabalho nas casas de farinha, procurando formas e meios para isso realmente venha a ser efetivado.

c) Formação profissional

- Promoção de cursos profissionalizantes em marcenaria, informática, artesanato, para as mulheres raspadeiras, nas segundas feiras, quando as casas de farinha param.

d) Formação integral

- Através de perspectiva crítica e sistêmica, deve-se estimular e desenvolver a autoestima dessas mulheres, a consciência das causas locais de sua dominação e formar uma consciência de sua opressão e exploração.

A fim de melhor organizar as recomendações para a composição de políticas públicas que visam facilitar o desenvolvimento da cultura da mandioca em Pernambuco, os diferentes mercados de mandioca foram separados e identificados abaixo de acordo com as possibilidades e limitações de cada um destes, tal como proposto pela FAO (2009).

1. Requisitos para oportunidades no mercado

- qualidade da matéria-prima e produto final;
- contínua oferta de matérias-primas;
- competitividade com produtos similares;
- integração entre produtores e trabalhadores na mandiocultura;
- acesso ao crédito.

2. Limitações (Carência de Políticas Públicas)

- baixa produtividade;
- variação da qualidade;

- tecnologia defasada;
- acesso restrito ao crédito, custo elevado de crédito;
- pouca organização no setor;
- assistência técnica deficiente;
- pouco acesso à informação;
- baixo preço da raiz;
- fatores bióticos e abióticos;
- instabilidade do clima.

3. Sugestões de Políticas Públicas

- incentivo a pesquisas e utilização de novas variedades;
- assistência técnica;

Como a produção de mandioca em Pernambuco é essencialmente dirigida ao mercado interno do produto in natura e da farinha, o principal foco das políticas públicas pode ser o desenvolvimento da cultura da mandioca em áreas de maior potencial onde já está implementada. Desta forma, as condições de vida das mulheres raspadeiras podem melhorar na mesma proporção que o cultivo e a venda dos produtos.

Não se pode ignorar que o processo de trabalho sempre transforma a realidade, o ser humano e a coletividade envolvida. E neste o ser humano produz não apenas os bens necessários a sua sobrevivência, mas também produz novas necessidades, novos conhecimentos e uma maior complexização da sociedade em que vive. As mulheres, como seres racionais, com seu trabalho possibilitam a capacidade de se refletir sobre o que acontece com elas e com o mundo em volta de si.

Estamos num momento histórico em que tanto as mulheres quanto a terra precisam restabelecer sua dignidade. Ambas possuem direitos e contribuem de forma essencial para a manutenção de um mundo mais harmônico e saudável. Elas não podem mais sofrer de forma sistemática a exploração, a opressão e agressão. Isto se constitui não só uma ofensa à dignidade das mulheres e uma violação dos seus direitos. Numa analogia com a terra, com que tão bem elas se identificam, precisam de se manter inteiras, dignas, produzindo, reproduzindo e regenerando.

Dessa forma, as questões levantadas por este estudo explicitam a necessidade de se buscarem alternativas para que o trabalho delas seja valorizado. Hoje já não se coloca em

dúvida a importância do papel da mulher no trabalho que gera renda e contribui para a sobrevivência da família. Desconsiderar, portanto, o trabalho da mulher na agricultura – no caso deste estudo, na cadeia produtiva da mandioca – é torná-lo invisível; é ignorar a sua contribuição na produção agrícola que move a economia da região.

Referências

BOFF, Leonardo & MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

CORDEIRO, Rosineide de L. M. and SCOTT, Russel Parry. Mulheres em áreas rurais nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2007, vol. 15, no. 2, pp. 419-423.

FAO, 2009. <https://www.fao.org.br/>. Acesso em abril de 2009.

FOLEGATTI, Marília I. S. et al. A indústria da farinha de mandioca. In: SOUZA et al. *Processamento e utilização da mandioca*. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, 2005. p. 61-141.

IBGE (2011). Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em set. de 2011.

KELLOG FOUNDATION. Disponível em: <http://www.wkkf.org>. Acesso em mar. de 2008.

LUCENA, Maria de Fatima G. *Mulheres da terra: um estudo sobre saúde e gênero na área rural de Pernambuco*. 2002. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas- SP.

MAPA, 2005 – Diretrizes para Elaboração do Plano Nacional da Mandioca. Disponível em: www.abam.com.br; acesso em março de 2008.

MEDEIROS, Roseana B. *Maracatu Rural: luta de classes ou espetáculo? (Um estudo das expressões de resistência, luta e passivização das classes subalternas)*. 2003. 332 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE.

MEDEIROS, Roseana. *Feminino Divino: Tecendo Um Novo Mundo*. Recife: EDUFRPE, 2011 (mimeo).

MELO, Hildete Pereira de. *Gênero e Pobreza no Brasil*. Relatório Final do Projeto Governabilidade Democrática de Gênero en América Latina y el Caribe. CEPAL - SPM – Brasília, 2005.

PACHECO, Maria Emília Lisboa. *Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs*. Recife: GTGênero . Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO Gênero e Cidadania, 2002. Obra coletiva.

PNUD, 2011. Disponível em: www.pnud.org.br. Acesso em setembro de 2011.

SAMPAIO, Yoni. Et all. *Eficiência Econômica e Competitividade da Cadeia Produtiva da Mandioca em Alagoas*. SEBRAE/AL, 2005.

SILVA, Carmem; ÁVILA, Maria Betânia; FERREIRA, Verônica (Org.). *Nosso trabalho tem valor: mulher e agricultura familiar*. Recife: SOS CORPO; Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, ago. 2005.

SOUZA et al. *Processamento e utilização da mandioca*. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, 2006.

THIOLLENT, Michael. *Metodologia da pesquisa-ação*. 4. ed. São Paulo : Cortez, 1988.

PROJETO RECRIAR: *Mulheres Recriando Novos Paradigmas nas Relações de Gênero, Etnia e Classe*, 2006.